

## LEITURA: MUITO PRAZER

Simone Lea Marques Barreto<sup>1</sup>  
 Neiva Garcia Magron<sup>1</sup>  
 Miguel Fecchio<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo ao realizar este trabalho foi discutir a atividade de leitura como atividade fundamental para a formação integral do aluno, e cujo ensino compete primeiramente à escola. Nele, procura-se construir uma concepção de leitura fundamentada em estudos teóricos desenvolvidos por alguns pesquisadores da área educacional como Cagliari, 1997; Menegassi, 1995; Sole, 1998; Bamberger, 2002, entre outros. Nessa abordagem, a leitura é enfocada como um processo que vai muito além da decifração de palavras e frases, ou seja, procura-se refletir sobre a leitura enquanto prática individual e prazerosa, que serve para acrescentar valores à existência do indivíduo que lê, já que a leitura de um único texto permite diferentes interpretações, significações e realizações. Com esta iniciativa, pretende-se contribuir com a tarefa docente de ensinar a ler, despertando interesses e reforçando hábitos relacionados a essa prática.

**PALAVRAS-CHAVES:** leitura, processo, compreensão, criatividade.

## INTRODUÇÃO

É através da linguagem que o homem se firma enquanto indivíduo no meio em que vive, podendo, entre outras coisas, comunicar-se com seus pares, trocar experiências e, sobretudo, agir. Em todo contexto da educação, a leitura, enquanto ato crítico e significativo, cada vez mais tem garantido seu espaço na escola. Apesar disso, atualmente muito se discute sobre o porquê do crescente desinteresse dos alunos de todos os graus pela leitura. Algumas razões são apresentadas para o fato. Dentre elas, destaca Maria A. Antunes Cunha (1999, p. 9) "...descuido familiar, decadência do ensino, excesso de facilidades na vida escolar, apelos sociais com muitas formas de diversão etc. etc".

Verifica-se que muitos são os fatores apontados como justificativa para o desinteresse dos educandos pela leitura, mas é evidente também que é da escola que a sociedade cobra o incentivo e o despertar, nos adolescentes e jovens, do gosto pela leitura, contudo ela demonstra estar despreparada para exercer a contento esse papel. Talvez, o problema resida no fato de que grande parte dos profissionais da área de educação não possuem uma concepção clara do que seja ou para que serve a leitura e acabam encontrando dificuldades, na escolha de materiais adequados, na elaboração de atividades, bem como na definição de objetivos específicos a serem alcançados com essa prática. Por isso, muito do que se pode fazer para minorar essa deficiência está diretamente relacionado à visão do educador quanto à importância e propósitos que devem assumir a prática da leitura em sala de aula.

## DESENVOLVIMENTO

Atividades de leitura são muito mais freqüentes no dia-a-dia das pessoas do que as da escrita, por isso seria bom se escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente com a ortografia, e desse mais ênfase à leitura.

Para Cagliari (1997, p. 148), "a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas" e "uma herança maior do que qualquer diploma", ou seja, não ensinamos nossos alunos a ler para a escola, mas para o mundo. Esse ensino só terá valor se o aluno enriquecer-se através dele, sendo capaz não só

de ler fluentemente, como também de inferir naquilo que lê percebendo aspectos como, por exemplo, a intencionalidade existente no conteúdo lido. Daí a importância de levar ao aluno uma leitura que o desafie, que o leve à descoberta de suas capacidades plenas, que o faça mergulhar num mar de significações, enfim, que o instrumentalize para atuar, para agir enquanto leitor.

Segundo o mesmo autor, "a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura" (Ibid., p. 148). Em outras palavras, pode-se dizer que no contexto escolar os professores não estão habituados a ensinar seus alunos a lerem efetivamente, talvez porque as situações de leitura que proporcionem sejam pouco motivadoras, irreais e descontextualizadas. Em conseqüência, os alunos não entendem o que lêem, mas a escola e o mundo cobram esse saber. Para sanar tal deficiência os professores devem ir além do que o livro didático oferece e organizar atividades de leitura que abranjam grande variedade de textos de diversos tipos, provenientes de jornais, revistas, instruções de jogos e de funcionamento de aparelhos, livros, da Internet, entre outros. O objetivo é envolver todas as áreas do conhecimento nas atividades de leitura, promovendo a interdisciplinaridade, de modo que o educando possa ler não apenas um tipo de texto, mas qualquer texto que lhe chegue às mãos.

Muitas vezes, o aluno se depara com um problema matemático, por exemplo, e não consegue resolvê-lo, não porque não saiba a matéria, mas porque a sua leitura não dá conta de processar aquele enunciado com o qual ele não desenvolveu contato suficiente e isso causará um bloqueio do seu trabalho mental. Deve-se ter em consideração que "ler é um processo de descoberta, como a busca de um saber científico" (Ibid., p. 149), por isso, algumas vezes, vai requerer paciência e perseverança por parte do leitor, mas pode ser também uma tarefa despreziosa, uma grande diversão que proporciona prazer e bem-estar. Assim, independente do caráter assumido pela leitura, o sujeito deste ato deverá estar preparado e sentir-se apto para realizá-la com sucesso.

Visando à compreensão da leitura, Menegassi (1995 apud CABRAL, 1986), aponta quatro etapas para esse processo, que são: decodificação, compreensão, interpretação

<sup>1</sup> Acadêmicas do Curso de Letras da Unipar de Cianorte

<sup>2</sup> Professor da UNIPAR- campus Cianorte - Mestre em Educação miguel@unipar.br

e retenção. E, segundo o autor, essas etapas não podem existir separadamente uma da outra para que não haja uma perda da harmonia entre elas. Por isso, ao elaborar as atividades de leitura o professor deverá, em primeiro lugar, levar os alunos a uma decifração ou decodificação dos signos lingüísticos, para depois poder mergulhar no texto, retirando dele sua temática e suas idéias principais.

Após isso, o aluno poderá partir para a interpretação em diferentes níveis, mediante inferências propiciadas pelo seu conhecimento de mundo, o que lhe possibilitará criar um sentido próprio para o texto. Numa fase final, o aluno-leitor, retém ou acomoda um novo saber que ficará armazenado na sua mente e a leitura terá sido, então, uma experiência funcional e significativa para ele.

Para despertar o interesse dos alunos pela leitura e alcançar o nível de compreensão desejado, Solé (1998, 89-161) sugere estratégias que devem ser exploradas pelo professor ao longo de toda a atividade. Antes da leitura propriamente dita é essencial que se invista na motivação, revisando e atualizando o conhecimento prévio dos alunos, fazendo previsões sobre o texto, formulando perguntas sobre ele, de modo que os alunos possam se sentir sensibilizados e dispostos diante do que vão ler. Outro ponto importante consiste em o professor demonstrar prazer ao ler para as crianças, pois quem não sente prazer ao fazê-lo dificilmente estimulará o outro à leitura.

A autora afirma que “o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado” (Ibid., p. 116). Portanto, para que os alunos atinjam a compreensão leitora de qualquer tipo de texto é necessária a intervenção do professor para mostrar-lhes como se faz para elaborar sua interpretação, para construir previsões, como se relaciona à nova informação com o conhecimento prévio, como se chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos propostos, sem permitir que seus alunos fiquem atrelados a modelos oferecidos. O profissional não poderá esquecer que “devemos ser cautelosos ao ajudar o leitor a descobrir seu método” (BAMBERGER, 2002, p.42), afinal não existe apenas um caminho ou uma única possibilidade de leitura para um texto. O leitor ativo, que compreende o que lê, observa as marcas lingüísticas deixadas no texto e distingue o que é essencial do que é secundário, podendo, assim, construir uma leitura independente e autônoma.

Durante muito tempo a escola castrou o pensar de seus alunos, acreditando que detinha todo o saber e que ao aluno cabia apropriar-se do conhecimento pronto e inquestionável por ela repassado. Na atualidade, a escola vê o educando como um ser em formação, pensante, capaz de trocas, que

recebe e também contribui, pois muito antes de entrar na escola já está sendo ensinado pelo mundo fora dela. Assim, respeitar a leitura que o aluno traz de fora é um dos aspectos fundamentais para se formar bons leitores, reservando-se à educação formal o papel de organizar e aprimorar esta habilidade, para o que sempre deverá empregar criatividade. Bamberger cita ainda que para “induzir à leitura” diferentes métodos e medidas podem ser adotados (Ibid. p.93). Então, está aí um desafio para a escola de hoje: fazer de seus alunos verdadeiros leitores para o mundo.

## CONCLUSÃO

Independente de a escola, de modo geral, apresentar uma visão limitada quanto aos objetivos a serem atingidos através da leitura, cabe ao professor por meio de uma prática pedagógica que leve em conta não só o interesse do aluno pelo tema da aula, como também seu nível intelectual e lingüístico, estar ensinando, treinando e motivando seus alunos a lerem sempre. Para isso, o educador poderá lançar mão de diversas estratégias de leitura indicadas na literatura especializada, mas acima de tudo, deverá usar a criatividade e criar técnicas próprias que podem dar excelentes resultados em face dos objetivos propostos, sendo o principal, tornar seus alunos leitores competentes, capazes de ler as entrelinhas e identificar, a partir do que está escrito, elementos implícitos; estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou, entre o texto e outros textos já lidos.

Não se pode esquecer, entretanto, de que a competência para a leitura, no sentido da compreensão textual, não é adquirida de um dia para o outro e é diferente de aluno para aluno. Esse é um processo que demanda tempo, sendo necessária a ação paciente e estimuladora do professor para ensinar aos alunos os caminhos que podem ou devem seguir, de modo que, a cada leitura, avancem um pouco além do ponto inicial, descobrindo-a como fonte de prazer, satisfação e realização pessoal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MENEGASSI, R. J. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. **Revista Unimar**, Maringá, v.17, 1995.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.